

Sobreviver num mar de tinta

Ameaçado na sua ilha por um tsunami de edições, um bibliógrafo obstinado, nomeando-se Robinson Papivore, só tem uma solução: correr o mais depressa possível e refugiar-se nas alturas. Como não tem mais do que alguns metros — algumas páginas — à sua disposição e o tufão ergue ondas desconhecidas até então, tem mesmo de ser muito mais rápido do que gostaria. É a sua sobrevivência e a do leitor que estão em causa. Admitamos que a sua ilha não pertence ao arquipélago de Juan Fernández, mas que se chama Timor. O que é que o mar enfurecido lhe traz? Algumas preciosidades, a começar por um texto que será útil aos que desejarem descobrir um refúgio improvável. *East Timor*¹, de Tony Wheeler, é um guia para activistas e turistas aventureiros ou portugueses nostálgicos. Aí podemos encontrar tudo o que um viajante precisa de saber, excepto uma bibliografia, o que é uma pena. A obra foi escrita essencialmente por um australiano, fundador das edições Lonely Planet, que conhece a ilha desde o início do caos, em 1974. Para além de não ter uma boa opinião da presença portuguesa, visitou a ilha várias vezes durante a ocupação indonésia e depois da independência. A obra, que contou em algumas das suas páginas com a contribuição de Xanana Gusmão e da sua mulher, informa-nos de que no Verão de 2002 viviam cerca de 1200 portugueses na ilha e que Lisboa fazia um esforço importante para desenvolver o ensino da língua portuguesa no território. As fotografias são magníficas e o livro oferece-nos algumas coisas bastante raras. A saber: cinco páginas sobre o enclave de Ocussi-Ambeno (no qual se situa o forte português de Fatusuba); quatro páginas sobre a ilha de

¹ Tony Wheeler, *East Timor*, Lonely Planet, Footscray (Victoria), 2004, 152 páginas, com fotografias a cores e a preto e branco, mapas e plantas.

Ataúro, de triste memória, e mesmo um pequeno esclarecimento para os turistas mais arrebatados que desejem viajar até à extremidade oriental do Extremo Oriente «lusófono»: o ilhéu de Jaco. É lamentável que o autor não tenha lido a obra de René Pélissier, *Timor en guerre (1847-1913)*, Editions Pélissier, Orgeval, 1996, 368 páginas, o que explica, com toda a certeza, que muitos dos lugares importantes da resistência timorense à conquista não sejam mencionados. Gostaríamos também de saber o que é que existe na Talik Library, em Same. Não certamente *Timor en guerre*, pois esta biblioteca é financiada por um subúrbio de Melbourne! Resumindo, um progresso considerável na documentação timorense.

Outro livro interessante, *See the Road Well*², é o relato de um dos muitos australianos que redigiram o seu diário durante a sua missão ao serviço das Nações Unidas em Timor entre 1999 e uma data variável. É, de alguma maneira, o equivalente — tirando a guerra — às campanhas de 24 a 27 meses que meia-geração de jovens portugueses conheceu em África de 1961 a 1974. Mas, neste caso, o autor não é um militar, nem um polícia, mas um oficial do Serviço das Alfândegas e da Emigração, que tinha por missão estabelecer o serviço timorense homólogo a partir de Março de 2000. As perspectivas são novas numa ilha de novo dividida em duas (em três partes, se considerarmos o enclave) e na qual o lado oriental procura ressuscitar após um longo pesadelo. Quem diz alfândegas diz fronteiras e, para além das dezenas de páginas sobre a vida em Díli e a organização — difícil — desta nova actividade oficial num contexto babélico e segundo as regras da ONU, o livro oferece sobretudo uma visão concreta e talvez única dos problemas dos refugiados que chegavam à sua terra através do porto de Díli ou — menos comum — através dos postos meridionais de Batugadé, Suai, e mesmo — o mais longínquo — através do Ocussi-Ambeno.

Granadas e punhais escondidos em sacos de arroz, guarnições jordanas no enclave católico, este livro, sem pretensões analíticas, diz-nos talvez mais do que tratados de politólogos e de juristas.

Não podemos esperar encontrar a Timor pitoresca numa tese de direito internacional redigida por um juiz alemão, e não o podemos reprovar a Oliver Franz³, que, nos limites da sua especialidade, estuda o direito à autodeterminação dos timorenses. Tanto quanto um leigo pode julgar, trata-se de um trabalho muito sólido que lhe permite algumas incursões na história e na etnologia. Unicamente para especialistas! Menos restrito e mais acessível, recomendamos o balanço — relativamente satisfatório, afirmam os autores —

² Neil Sugget, *See the Road Well, Shaping East Timor's Frontier*, Pandanus Books, The Australian National University, Canberra, 2005, xvi-261 páginas, com fotografias a preto e branco.

³ Oliver Franz, *Osttimor und das Recht auf Selbstbestimmung. Eine Untersuchung zur Anwendung des Selbstbestimmungsrechts des Völker am Beispiel Osttimors*, Peter Lang, Pieterlen, Suíça, 2004, xix-308 páginas.

dos dois anos e meio de administração das Nações Unidas num país devastado. Os editores pediram a 26 especialistas ou diplomatas que avaliassem os sectores de intervenção da UNTAET e dissessem o que é que a ONU podia melhorar nas suas futuras operações, partindo do exemplo timorense. Curiosamente — e contrariamente a numerosos livros sobre os problemas actuais de Timor —, esta obra⁴ conta com muitas intervenções de portugueses e timorenses. Nela são examinados a organização, os financiamentos e a montagem da missão da ONU, de 25 de Outubro de 1999 a 20 de Maio de 2002, em praticamente todos os domínios, inclusive o militar e o policial. Dos efectivos, no final, faziam parte 7687 indivíduos fardados e 737 civis internacionais, havendo a lamentar 17 mortos, todos militares ou polícias. O custo total desta intervenção só é contabilizado para o período de 1 de Julho de 2001 a 30 de Junho de 2002 e ascende a um total de 476,8 milhões de dólares americanos. Para os tempos que correm, o nascimento do primeiro Estado que obteve a sua independência no século XXI não foi caro. Se os actores de 1974-1975 tivessem sido menos sectários ou desorientados, não teria custado nem uma décima parte deste valor. Mas essa é uma outra história.

Voltemos à Austrália para uma série de ensaios corrosivos e desmistificadores do papel da Austrália nos conflitos mundiais e na tragédia timorense. Simon Adams⁵ é um panfletário que gosta pouco da política externa do seu país e ainda menos da dos Estados Unidos e a quem não agradam igualmente os ditadores, como Suharto. O interesse do texto reside sobretudo no que nos conta sobre Eurico Guterres, o chefe da milícia timorense que destruiu, em 1999, uma parte das infra-estruturas do país — já sem falar dos massacres que cometeu contra os pró-independentistas. Na mesma óptica, mas no género romanesco, um livro de aventuras⁶ — bem escrito e talvez mesmo assente em alguma pesquisa documental — conta-nos as proezas de um grupo de expatriados que viveram na Indonésia sob o regime de Suharto. Neste caso, trata-se de entregar um carregamento de armas à FRETILIN em 1996. O terror em Díli, as intrigas e o ambiente em Timor sob a bota indonésia são recriados com verosimilhança.

Mais eruditos e mais profundos são os ensaios de Miguel Vale de Almeida⁷, antropólogo português, que trata, em língua inglesa, temas tão variados

⁴ Nassrine Azimi e Chang Li Lin (eds.), *The United Nations Transitional Administration in East Timor (UNTAET): Debriefing and Lessons. Report of the 2002 Tokyo Conference*, Brill Academic Publishers, Leiden, 2003, xxxv-306 páginas.

⁵ Simon Adams, *All the Troubles. Terrorism, War and the World After 9/11*, Fremantle Arts Centre Press, Fremantle (Austrália), 2004, 412 páginas.

⁶ Scott Amour, *East of Java*, AuthorHouse, Bloomington (Indiana), 2005, ix-223 páginas.

⁷ Miguel Vale de Almeida, *An Earth-Colored Sea. «Race», Culture and the Politics of Identity in the Post-Colonial Portuguese-Speaking World*, Berghahn Books, Oxford, 2004, xiii-138 páginas.

como a comunidade portuguesa de Trinidad (e um pouco de Tobago, a verdadeira ilha de Robinson Crusoe, segundo certos especialistas de Daniel Defoe), o luso-tropicalismo, a mestiçagem no mundo lusófono, etc. Falamos nesta obra porque ela inclui um capítulo muito interessante sobre o desenvolvimento e os fundamentos psicológicos do movimento pró-timorense que se gerou em Portugal em Setembro de 1999. Quem não viveu o movimento de massas contestatário que se exprimiu em Lisboa — praticamente sem equivalente em qualquer outro lugar do mundo — espanta-se com a sua amplitude. Xanana Gusmão foi comparado a Che Guevara, Mandela, etc. Com o autor deste brilhante estudo, podemos concluir que os portugueses de 1999 inventaram um Timor imaginário (p. 99) e tentaram compensar, através da sua indignação, o seu sentimento de terem vendido este derradeiro testemunho da sua expansão a uma ditadura «muçulmana». Dito por outras palavras, foi a descolonização de 1974-1975 e o seu insucesso na ilha que surgiram nas memórias. Pensamos que, mais do que um verdadeiro conhecimento do problema, foi a emoção irracional que dominou esta onda de indignação. Afinal de contas, quem é que leu livros sobre Timor entre 1974 e 1998 em Portugal? Se tivesse havido um verdadeiro público interessado pelos factos, e não pelos mitos, os editores portugueses teriam traduzido os textos dos especialistas estrangeiros, a começar pelos historiadores que transmitiam uma visão menos idílica da colonização em Timor. É sintomático notar que mesmo Vale de Almeida, apesar de realista, parece ignorar o meu texto *Timor en guerre*, já citado, pela simples razão de ele nunca ter sido traduzido para português.

Mais marginal, mas revelador da tomada de consciência da Austrália do potencial económico dos ilhéus e recifes que lhe pertencem no mar de Timor, referimos *Troubled Waters*⁸, que tem o mérito de nos esclarecer sobre o papel dos timorenses e dos habitantes da ilha de Roti na indústria das pérolas na Austrália ocidental e agora na pesca. Poucos dados concretos sobre a divisão das zonas de prospecção petrolífera com Timor oriental. Mas é a «fronteira» mais militarizada da Austrália, que temia uma problemática «invasão» indonésia. A julgarmos pela sua eficácia operacional em Timor oriental, o exército de Jacarta só estaria preparado para ocupar Canberra decorrido muito tempo.

Regressemos às Nações Unidas em Timor e em oito outros países a saírem de conflitos (entre os quais Moçambique) com *The UN's Role in Nation-Building*⁹. Como acabámos de referir uma monografia que diz respeito

⁸ Ruth Balint, *Troubled Waters. Borders, boundaries and possession in the Timor Sea*, Allen & Unwin, Crows Nest NSW (Austrália), distribuído na Europa por Roundhouse Publishing, Northam, Inglaterra, 2005, 188 páginas.

⁹ James Dobbins et al., *The UN's Role in Nation-Building. From the Congo to Iraq*, Rand Corporation, Santa Mónica (Califórnia), 2005, XLIII-273 páginas.

unicamente ao papel das Nações Unidas em Timor, em que é que este texto a completa? Essencialmente, pela sua natureza comparativa. Foi a primeira vez que a ONU teve como tarefa a criação de um exército e de uma polícia nacionais e, na verdade, a gestão de um país antes da sua independência. Também ficamos a saber que grupos armados das milícias se reinstalaram no território em 2003 e que a Polícia e o Exército timorenses se afrontaram em 2004. A coordenação entre os diversos organismos humanitários era medíocre. Assim, o capítulo timorense é menos eufórico do que a obra inteiramente consagrada à UNTAET. Uma vez mais, toda a documentação utilizada é em língua inglesa. Para um país cuja língua oficial é o português não é um bom augúrio. Existirá uma biblioteca na Rand Corporation que compre livros em língua estrangeira? Se sim, para que é que eles servem? A utilidade deste livro está no muito que revela nas 30 páginas que dedica a Timor.

Deixemos Timor para entrarmos na antiga África portuguesa, onde somos agradavelmente surpreendidos no campo das generalidades. O álbum publicado pela revista *Visão* sob o título *África, 30 anos depois*¹⁰ é um sucesso quer no plano formal (fotografias sumptuosas, mas não do género das que eram difundidas pelos serviços de propaganda durante o salazarismo nem das que são distribuídas pelos funcionários dos países de língua oficial portuguesa), quer pelo seu conteúdo. Cinco equipas de jornalistas da *Visão* foram enviadas para as cinco antigas colónias africanas para darem conta da sua realidade actual e não para adular os seus dirigentes. Quando sabemos que se estima em 30 mil milhões de dólares a reconstrução de um país como Angola, que era a «jóia de África» (*dixit*) no início de 1974, não podemos deixar de nos interrogar sobre quem poderá honestamente orgulhar-se de qualquer coisa a respeito de Angola uma geração depois. Há páginas nostálgicas, mas, no essencial, esta obra dá-nos uma imagem sombria e mesmo, por vezes, trágica do presente com alguns lampejos de esperança no futuro. Não podemos pormenorizar aqui um conjunto tão rico, mas o que é importante salientar é a liberdade de tom e de apreciação crítica no plano político, louvável em todos os aspectos. José Eduardo Agualusa fala de «ditamole» para o seu país; Carlos Cáceres Monteiro descreve a «Batalha de Luanda», que ele presenciou em 1975; e, para continuar no grupo dos jornalistas com obra literária conhecida, limitemo-nos a sublinhar a importância da reportagem de Pedro Rosa Mendes sobre a Guiné, que vai directamente ao fundo da questão ao descrever um «país de traições» que não está perto de sair do abismo. Mesmo para Cabo Verde, o ambiente não é de alegria na ilha do Sal, em fase de «colonização» pelos italianos. O turismo sexual grassa em

¹⁰ AAVV, *África 30 anos depois. Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe*, Visão, Lisboa, 2005, 242 páginas, com numerosas fotografias a cores e a preto e branco.

muitas ilhas, os pedófilos proliferam mesmo entre o pessoal diplomático. A este respeito, nunca esqueçamos o julgamento terrível de um embaixador francês, em serviço num dos países de expressão portuguesa, que afirmou «a África é o paraíso dos falhados». Do qual ele faria parte? Tal como os africanistas?

Portanto, limpemos a nossa casa e continuemos com *Children and Youth on the Front Line*¹¹, onde encontramos três contribuições sobre Moçambique, versando as transformações culturais e os cuidados às crianças durante e depois da guerra civil na Gorongosa (Moçambique); o aproveitamento dos laços familiares e da imagem do pai na guerra e, a seguir, na reintegração dos meninos-soldados (trabalho tendente a combater a propaganda da FRELIMO contra a RENAMO); a experiência da guerra vivida pelo «destacamento feminino» da FRELIMO, cujos membros mais antigos lamentam os tempos da emancipação durante a guerra colonial e denunciam o sexismo da FRELIMO depois da independência.

Um quarto contributo sobre as técnicas de recuperação mental das crianças traumatizadas pela guerra civil de Angola faz deste livro, redigido por psicólogos e por etnólogos, uma fonte notável sobre os estragos provocados pelos conflitos militares nos dois grandes países de expressão portuguesa.

Sejamos mais breves com a revista *Le Fait Missionnaire*, n.º 14, que, neste número¹² consagrado ao catolicismo na África austral, apresenta um longo estudo sobre os jesuítas e a formação das elites moçambicanas (1961-1974), que interessará aos especialistas deste período. Da mesma forma, consideremos um pequeno livro que — provavelmente sem que os seus leitores (os alunos ou jovens estudantes portugueses) o saibam — é um exemplo, talvez único, entre os instrumentos pedagógicos elaborados em honra dos liceus da Europa. Que eu saiba, é só em Portugal que se estuda, *nas aulas de literatura nacional*, um livro (e o seu autor) sobre as viagens transafricanas no século XIX. Duvidamos de que Livingstone ou Stanley sejam estudados pela sua produção literária entre os anglófonos e que, entre os francófonos, alguma vez um professor de literatura tenha invocado um explorador francês ou belga nos sumários dos seus cursos de liceu. René Caillié (1799-1838), não estamos perto de o ver referido no programa do bacharelato (ou do que resta deste exame). Abandonemos, portanto, Fernanda Carrilho e o seu comentário a *Serpa Pinto*¹³, mas permaneçamos

¹¹ Jo Boyden e Joanna de Berry (eds.), *Children and Youth on the Front Line. Ethnography, Armed Conflict and Displacement*, Berghahn Books, Oxford, 2005, xxvii-274 páginas.

¹² AAVV, *Le Fait Missionnaire*, Observatoire des religions en Suisse, Universidade de Lausana, Lausana, n.º 14, 2005, 155 páginas, com fotografias a preto e branco.

¹³ Fernanda Carrilho, *Serpa Pinto, Como eu atravesssei a África*, Publicações Europa-América, Lisboa, 2000, 76 páginas.

com os grandes exploradores e vejamos o que nos diz o italiano Giorgio Bettinelli, que deu a volta ao mundo em *scooter* (vespa) entre Outubro de 1997 e Maio de 2001 e dedica um grosso volume, *Rhapsody in Black*¹⁴, ao seu itinerário pela África central, austral e oriental. Entre Junho e Julho de 1999 — ou seja, durante a terceira fase da guerra civil —, ele dedica 22 páginas a Luanda (onde recebeu uma nova vespa), mas que teve de abandonar de avião, em direcção a Windhoek (estrada do Sul, interdita em Angola). Da Namíbia regressará, de seguida, via Ovamboland, até Lubango. No total, o autor consagra 28 páginas a Angola. Ele não guarda uma boa impressão dos funcionários luandenses que o chantageiam: os Ninjas exigem e conseguem 100 dólares porque ele circulava na cidade sem o boletim de vacinas. De facto, Luanda é a quinta-essência da desumanidade. Enquanto os mestiços ricos se divertem nas discotecas à noite, ele encontra uma criança prestes a morrer na rua e na indiferença.

Relativamente a Moçambique, o autor revela-se mais clemente e literário. Tendo sido cooperante em 1982, trata-se de um regresso ao seu passado. Com uma antiga amante moçambicana — grávida —, ele sobe em direcção ao Norte, depois de ter constatado quanto Maputo mudou com os seus novos arranha-céus. Via Xai-Xai, Inhambane, ao longo das estações do turismo sul-africano, o autor faz um percurso clássico. Mas em Manhiça encontra o cadáver de um bebé sobre um monte de lixo. Depois de partir para o Zimbábwe, o autor regressa a Moçambique para retomar a estrada de Tete em direcção ao Malawi. Os sul-africanos desminaram a estrada. Entre Agosto e Setembro de 1999 dedica 44 páginas a Moçambique, que salpicou de recordações históricas. Na p. 177 confunde as datas de construção das duas pontes sobre o rio Zambeze, mas esta viagem sentimental oferece, mesmo assim, uma visão pessoal e comprometida sobre os dois maiores países africanos de expressão portuguesa. Não se trata da visão de um missionário, nem da de um turista, mas de um testemunho útil.

Ainda sobre os dois grandes países da antiga África portuguesa, assinalemos, para os geógrafos, os especialistas do desenvolvimento e os futurólogos, um livro¹⁵ que nos chega do Japão e que nos fala de problemas cruciais para o futuro das populações destes países: a partilha dos recursos hidráulicos entre o Norte da região, pobre, mas relativamente dotado de cursos de água importantes, e o Sul, rico (África do Sul), mas cada vez mais sedento. Em termos simples, trata-se de otimizar a gestão dos rios transfronteiriços e dos seus afluentes entre os vizinhos no âmbito da SADC.

¹⁴ Giorgio Bettinelli, *Rhapsody in Black*. In *Vespa dall'Angola allo Yemen*, Feltrinelli Editore, Milão, 2005, 334 páginas, com fotografias a cores.

¹⁵ Mikiyasu Nakayama (ed.), *International Waters in Southern Africa*, United Nations University Press, Tóquio, 2003, X-306 páginas, com numerosos mapas.

Para Angola, temos as bacias (5) do Cunene, Cuvelai, Cubango (Okavango), Zambeze e Zaire (Congo); para Moçambique (9), as bacias do Buzi, Incomati, Limpopo, Rovuma, Save, Maputo, Pungué, Umbeluzi e Zambeze. Ficamos a saber quais são as infra-estruturas (essencialmente barragens) existentes e as propostas. Os aspectos jurídico, técnico, financeiro e político também são tratados da mesma forma, com numerosas invocações históricas (nomeadamente para o Cunene e o Zambeze). Um livro difícil, mas fundamental.

Totalmente diferente é a recolha de contos africanos¹⁶ para crianças, em que vários países de língua e expressão portuguesa têm direito a algumas fábulas que colocam em cena animais ou homens. E, dentro de um género hagiográfico, a que o historiador e o politólogo não podem ser indiferentes, recomendamos vivamente a aquisição do catálogo de uma exposição¹⁷ dedicada a Amílcar Cabral, isto é, a um homem que, se ainda estivesse vivo, talvez não ficasse muito feliz por ver como a sua vida e o seu pensamento foram traídos pelos seus sucessores ou por aqueles que ainda hoje o reclamam como seu. Não insistamos e limitemo-nos a dizer que o contributo documental (tanto em imagens como em peças de arquivo) é impressionante. Em todo o caso, um álbum sem paralelo fora da Guiné e de Cabo Verde, entre os países da antiga África portuguesa. Relativamente a estes países falamos sobretudo da guerra.

O que nos leva a abrir uma secção onde falemos exclusivamente dela. Mas antes de abordarmos a guerra portuguesa em África lembremos aos leitores que o ignorem — o que é improvável — que Portugal é apenas um dos protagonistas — seguramente fecundo, mas longe de ser o único — na historiografia dos conflitos coloniais. A prova pode ser encontrada numa volumosa obra que não trata de Portugal, mas unicamente da Grã-Bretanha e um pouco dos Estados Unidos durante o século XIX. Apesar das suas mais de 760 páginas, *Britain's Forgotten Wars*¹⁸, mais não faz do que aflorar as campanhas coloniais de Londres. Para isso, o autor adopta um método não sistemático, quase jornalístico, escolhendo, de entre um enorme viveiro de conflitos (talvez 1 ou 2 milhares, se considerarmos todas as operações montadas pelos britânicos em todo o mundo), os mais pitorescos ou os mais esquecidos. O seu público-alvo são os leitores que gostam de que lhes contem uma história. Não se trata de um apologista do colonialismo nem do nacionalismo. O autor é mesmo moralista e crítico. Reunião de três volumes anteriores, a obra não segue qualquer cronologia ou divisão geográfica clara.

¹⁶ Conceição Carvalho, *Tesouros Africanos*, Edições Casa do Professor, Braga, 2002, 172 páginas, com desenhos.

¹⁷ AAVV, *Amílcar Cabral: Sou um simples africano*, Fundação Mário Soares, Lisboa, 2.^a ed., 2001, 95 páginas, com numerosas fotografias a preto e branco.

¹⁸ Ian Heron, *Britain's Forgotten Wars. Colonial Campaigns of the 19th Century*, Sutton Publishing, Stroud (Grã-Bretanha), 2004, x-756 páginas, com gravuras a preto e branco.

De facto, qual é o leitor lusófono ou francófono que, ao lado de episódios de que já ouviu falar vagamente, sabe que ocorreu uma expedição naval as ilhas Andaman em 1867 ou uma batalha contra os maias nas Honduras britânicas (Belize actual) em 1872? É, pois, um livro aconselhado aos historiadores militares por relativizar o que eles já sabem. Garantimos novidades nos 28 capítulos que compõem a obra.

Regressemos a um tema essencialmente lusófono com *A Primeira Grande Guerra na África Portuguesa*¹⁹, da autoria de um historiador oficial do Exército. O tema é um dos mais mal tratados pela historiografia portuguesa e, no entanto — caso único —, ao enviar dezenas de milhares de soldados metropolitanos para a África em 1914-1918, Portugal inverteu o movimento que mobilizou as tropas coloniais e imperiais no sentido de estas virem defender as metrópoles. Esta singularidade devia chamar a atenção dos historiadores estrangeiros especialistas da primeira Grande Guerra. Mas, como geralmente ignoram — salvo recentes excepções — o que fazia Portugal em Angola e em Moçambique, eles mantêm um prudente silêncio sobre este assunto. Isto quer dizer que, se lessem este livro — caso dominassem a língua portuguesa —, poderiam, enfim, ter uma ideia clara das operações militares portuguesas nas suas ex-colónias? Não, no caso de Angola. Não, pois o autor não procura dar uma relação pormenorizada das actividades bélicas no terreno. O que lhe interessa são o contexto político, as infra-estruturas, a organização da máquina militar e, o que é completamente inovador, a vida quotidiana dos soldados, o soldo, a sexualidade, a logística, as relações entre soldados africanos e europeus. Tudo isto é útil e interessante, mas um leitor profano que goste de saber o que se passou na batalha de Môngua — a maior vitória (1915) dos portugueses em África — terá de procurar noutro sítio, nomeadamente no *relatório* oficial publicado, ou de recorrer aos testemunhos de participantes. Ou talvez, porque mais acessível, à obra de René Pélissier *Les campagnes coloniales du Portugal (1844-1941)*, Edições Pygmalion/Flammarion, Paris, 2004.

Em compensação, Marco Fortunato Arrifes empregou muita energia a tentar encontrar estatísticas fiáveis sobre os efectivos e as perdas portuguesas. Existe uma tal quantidade de números contraditórios que o leitor tem de resignar-se com aproximações — como para a guerra de 1961 a 1974 — quanto aos efectivos metropolitanos verdadeiramente enviados para a África (de 30 000 a 31 600, mais ou menos, entre 1914 e 1918). Trata-se de um esforço importante para um país como Portugal durante a primeira Grande Guerra. A bibliografia fornecida contém algumas entradas raras, mas não

¹⁹ Marco Fortunato Arrifes, *A Primeira Grande Guerra na África Portuguesa. Angola e Moçambique (1914-1918)*, Instituto da Defesa Nacional, Centro Editorial, Lisboa, 2004, 354 páginas, com fotografias a preto e branco e mapas.

retoma integralmente as entradas indicadas nas notas. Em resumo, um trabalho original, sério, sem exageros nacionalistas. Falta aprofundar questões importantes, mas é já um grande passo em frente.

Outros tempos, outros hábitos. O que é certo é que os soldados de 1914-1918 não regressaram em peregrinação organizada, nos anos 1930-1950, aos locais das suas actividades africanas.

Ora, assistimos, desde há uns anos para cá, a uma espécie de turismo sentimental relativamente à Guiné e a Moçambique. Nada em relação a Angola? Antigos combatentes viajam, em grupo, na direcção da sua juventude, dos seus medos, dos seus sofrimentos, das guarnições abandonadas há mais de trinta anos. E este fenómeno dá origem a alguns livros. Dois bons exemplos? *Moçambique. O regresso dos soldados*²⁰ é uma reportagem muito literária de um jornalista que não viveu este período, mas que em Novembro de 2003 acompanhou um punhado destes homens, mais gordos, mais velhos e nostálgicos. Inevitavelmente, depois do cemitério de Maputo, o grupo toma a direcção do Norte de Moçambique. Pemba, Mocimboa da Praia (parece que regressámos a 1915-1917), mas, mais grave, Antadora, Chai, Sagal (as casernas abandonadas foram pilhadas e destruídas pela população), Mueda (não seria propriamente Cascais!), Lichinga, as guarnições do lago Niassa. Os portugueses levam presentes e o que notamos é a ausência de hostilidade de parte a parte. Existe um *pathos* em cada reencontro, nomeadamente com os mestiços de 30-40 anos deixados para trás pelos soldados. Eles procuram os pais! Chora-se. Em Montepuez há uma reunião com um ex-comando moçambicano, agora coronel da FRELIMO. Onde estão os inimigos de ontem? O historiador nota que o autor, Ricardo Marques, inseriu capítulos históricos para que todos os seus leitores pudessem compreender as origens e o desenvolvimento desta guerra. Isto quer dizer que a «nova» geração tem necessidade de saber o que é que os seus avós ou os seus pais fizeram nessa guerra, já tão longínqua como a de 1914. Dito de outra maneira, a guerra colonial apaga-se progressivamente da consciência nacional, e é lamentável, pois, devido às transformações que ela provocou na sociedade e na história portuguesas, é Alcácer-Quibir, mas sem sebastianismo (até agora). Um bom livro.

A mesma apreciação elogiosa para *38 anos depois. Moçambique*²¹, de Manuel Pedro Dias. O autor participou na guerra e é um desses antigos combatentes que não cortaram com o seu passado. Em Outubro de 2004 esteve no grupo que viajou em autocarro mais para sul (por isso, entre guarnições menos flageladas). Gilé, Alto Molocué, Gurué, Cuamba, Mandim-

²⁰ Ricardo Marques, *Moçambique. O regresso dos soldados*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2005, 185 páginas, com fotografias a preto e branco.

²¹ Manuel Pedro Dias, *38 anos depois. Moçambique reencontrado por um combatente*, ed. de autor, Odivelas, 126 páginas, com fotografias a cores e a preto e branco.

ba, Catur, Lichinga, Maniamba, Metangula, Meponda, etc. Para os netos destes viajantes, todos estes nomes poderiam situar-se na Lua, que eles não notariam a diferença. O livro interessa sobretudo pela abundância de fotografias. O autor, de ruína em ruína, de cemitério em cantina, mais ou menos activa, insiste no contraste entre aquilo que os seus camaradas conheceram e a vida buliçosa e, frequentemente, indiferente da população africana. Dentro de alguns anos, estas casernas de paredes em derrocada não interessam sequer aos arqueólogos. «Colonização» feita por soldados, contra a sua vontade, envolvidos num combate sem futuro, ela não terá sequer obtido as vitórias precárias de Roçadas (1907) ou de Pereira de Eça (1915) no Sul de Angola. A história colonial, mesmo a portuguesa, é um processo provisório em via de aceleração. Sobre tudo no final. Ainda não vimos tudo.

Mais modesta nas suas intenções, assinalemos uma produção típica destinada a um público restrito: os antigos membros de uma companhia ou de um batalhão implicados na guerra colonial. Entre os leões, os búfalos, os crocodilos, os leopardos e outras bestas, reputadas de perigosas, os soldados escolheram um animal totémico. Com *Os Lobos de Maniamba. Moçambique 1968-1970*²² estamos perante um livro de recordações de um segmento da *geração sacrificada* decoradas com extractos do jornal do batalhão e de poemas. Trata-se do folclore habitual, com canções, etc. Dos 166 militares que estiveram envolvidos em operações nos distritos do Niassa, Tete e Beira, contam-se dois mortos, dos quais um por acidente, em mais de dois anos. Os números devolvem-nos à realidade. Apesar de tudo, não foi Verdun.

Angola também não, se lermos atentamente *Os militares em África*²³, que conta, de modo desordenado, as actividades do autor dentro e fora de um batalhão de caçadores (n.º 540) depois do desembarque, em Novembro de 1963, no Noroeste de Angola, a partir de Ambriz. O autor pertence à escola heróica e pende completamente para o lado da «defesa do Império». Não faltam recordações, pois as emboscadas da UPA-FNLA eram frequentes entre os postos. Musserra, Bessa Monteiro, captura de um campo de guerrilheiros, colunas em direcção aos Dembos, tortura de um prisioneiro que cuspiu sobre um sargento (pp. 38-39), reocupação das fazendas, minas, dedicação dos africanos em relação aos soldados, há de tudo neste livro. Por fim, mecânico automóvel, o autor foi desmobilizado em Maquela do Zombo, onde se fixa, o que explica que, como colono, não sejam os seus anos como soldado o que mais lamenta, mas a sua Angola. A Angola do Dr. Salazar.

O bibliógrafo deve ser eclético, saltemos agora, e sem pena, para os antípodas do livro anterior com Gertrudes da Silva²⁴. Para este, anticolo-

²² José Rabaça Gaspar (ed.), *Os Lobos de Maniamba. Moçambique 1968-1970. Memórias da Cart 2326*, Cart 2326, s. 1., 2005, 156 páginas, com fotografias a preto e branco.

²³ António Gomes, *Os militares em África. Histórias com verdade*, ed. de autor, Vila Real, 2002, 176 páginas, com fotografias a preto e branco.

²⁴ Gertrudes da Silva, *A Pátria ou a Vida*, Palimage, Viseu, 2004, 268 páginas.

nialista e anti-salazarista, a «Pátria — lugar-comum — nesses tempos era madrastra», e ele oferece-nos um romance-documento forte e irónico, onde a pátria dos ricos impostores, que a violaram, envia os seus filhos bastardos, os pobres camponeses, para os pântanos da Guiné portuguesa entre Setembro de 1970 e Setembro de 1972, isto é, para o «cu do mundo», para usar uma expressão consagrada. Com ele ficamos rapidamente conscientes do terror que a Guiné inspirava na escala das três guerras simultâneas de Lisboa. Não eram os «macacos com caras de poucos amigos» (p. 78) o que esperava a companhia CCaç 2781, mas o homem do monóculo, aliás Spínola, as suas luvas e o seu *pingalim*. E, sobretudo, os balantas e os papéis do PAIGC, que não iam à ópera e só raramente sabiam montar a cavalo. Quanto ao resto, o discurso resume-se a uma fórmula, «matar muito e morrer o menos possível» (p. 83). Em Bissorã estamos no centro do inferno das emboscadas e dos ataques de canhão e de bazuca. Não vamos desenvolver as peripécias contadas neste romance (será isto um romance?), mas, o que é certo é que este livro é um dos que melhor explicam o que foi a guerra na Guiné e por que é que ela não podia ser ganha. Se os editores estrangeiros não estivessem obnubilados pela procura do *best-seller*, era este livro que deviam traduzir para darem a conhecer este teatro de operações: o Vietname do Estado Novo. Morreu, de resto, desta doença incurável que nem a «tropa macaca» do livro nem as forças especiais podiam vencer. Uma guerra de camponeses desorientados contra outros, mas os últimos pelo menos tinham fê, enquanto os primeiros nem sequer sabiam o que estavam a fazer nestes trópicos hostis. E já muito tempo tinha passado desde Teixeira Pinto e o seu amigo Adbul! Por conseguinte, uma leitura recomendável.

Ainda na Guiné, mas no género sério — e quase oficial, pois trata-se de uma monografia exemplar que se apoia em dezenas de documentos extraídos de toneladas de relatórios engendrados pela burocracia militar —, é incontornável apresentarmos *Estávamos lá e... foi assim*²⁵, que descreve de maneira extraordinariamente minuciosa as actividades (de Outubro de 1964 a Agosto de 1966) de uma companhia de artilharia (n.º 731), pela mão do seu comandante. Estacionada sobretudo em Farim e actuando no início da guerra, operou essencialmente entre os muçulmanos, tendo feito 82 mortos e 56 feridos à guerrilha. Do seu lado, a companhia sofreu apenas duas baixas (em acidentes). Relativamente a esta obra é de mencionar a excelência dos mapas. Trata-se de uma documentação que devia ser multiplicada por cem para que tivéssemos, finalmente, uma história completa da guerra colonial. Há poucas hipóteses de que veja a luz do dia em 20 volumes.

²⁵ José Alberto da Costa Matos, *Estávamos lá e... foi assim. Monografia sobre a companhia de artilharia 731 — Guiné 1964/66*, sem indicação do editor, [Museu Militar do Porto], Porto, c. 1999, iv-67 páginas, anexos não paginados, com fotografias, desenhos a preto e branco e 3 mapas desdobráveis.

Uma das originalidades da literatura militar portuguesa dedicada à guerra colonial é o facto de não ser unicamente lisboeta ou portuense, mas, frequentemente, provinciana, publicada em pequenas localidades que em países como a França e, provavelmente, a Holanda não figurariam entre os locais de edição de memórias ou de romances de inspiração africana ou «indonésia». É aqui que notamos a expansão e a profundidade do traumatismo — e o vigor das edições de autor — em Portugal. São muitos os que pretendem deixar o seu testemunho, mesmo fora da edição comercial. O que faz a infelicidade da crítica, sempre mal informada, em virtude da difusão incerta ou difícil destas obras, mas traduz ao mesmo tempo a riqueza dos pontos de vista sobre esta temática. *Uakinga (Esperança)*²⁶ é um romance, provavelmente de fundo biográfico, que inicialmente se situa no Noroeste angolano, depois de Setembro de 1962 ou de 1963 (?), numa unidade portuguesa primeiramente estacionada na região de Tomboco e depois em Noqui. O interesse deste livro é duplo. Trata de uma história de amor entre um soldado e uma africana e, se, na verdade, o tom é preferencialmente católico de direita, nele fala-se frequentemente de sexualidade inter-racial, o que correspondia basicamente à realidade luso-tropicalista. Mas, do ponto de vista histórico, o livro documenta também as operações na fronteira zairense (e mesmo, por vezes, além dela) contra a UPA e a vida numa aldeia que recolhe um soldado ferido.

Da guerra passemos ao pós-guerra em Moçambique com uma antiga jornalista da televisão alemã que, aos 29 anos, abandona a sua carreira para se dedicar à desminagem, sendo uma das poucas mulheres a realizarem esta tarefa em todo o mundo. O Afeganistão, o Kossovo, etc., não são destinos turísticos para esta gente. A Gorongosa e o corredor da Beira em 2000-2001 também não.

A FRELIMO semeou inúmeras minas antipessoais sobre as picadas utilizadas pela RENAMO, enquanto esta última minou, sobretudo, as estradas e as pistas onde circulavam os veículos das tropas do governo. Os sul-africanos estão a construir a estrada em direcção ao Zambeze, o que obriga a que 20 metros de cada lado sejam seguros. No resto da região... Quantos anos faltam para que os cães que fazem a desminagem possam correr sem se preocuparem em trabalhar no mato? Vera Bohle tem por missão controlar, com um detector, metro a metro, se o terreno é seguro após a passagem dos cães. Ficamos a conhecer bem as técnicas empregues, a educação dos camponeses contra as minas... e os ladrões zimbabweanos através das 40 páginas que a autora consagra a Moçambique²⁷.

²⁶ Júlio António Borges, *Uakinga (Esperança)*, ed. de autor, Póvoa de Varzim, 2004, 300 páginas.

²⁷ Vera Bohle, *Mein Leben als Minenräumerin*, Fischer Taschenbuch Verlag, Frankfurt am Main, 2005, 383 páginas, com fotografias a preto e branco.

Das minas aos hospitais vai a distância da pouca sorte. E, curiosamente, no livro do professor Constantino Sakellarides²⁸ as lembranças moçambicanas deste médico conhecido começam em 1968 no hospital de Vila Gouveia (actual Katandica), no Barué, a algumas dezenas de quilómetros (em linha recta) da Gorongosa. Ele explica como funcionava o serviço médico no mato, passando, em 1969, a exercer a sua actividade como professor de Medicina em Lourenço Marques, num *centro de saúde* (dispensário) destinado aos quarteirões africanos, bem como o trabalho de um outro médico altruísta sediado na Beira. Nem tudo era exploração dos negros na colonização portuguesa durante os anos de 1968 a 1974. O autor deveria ter alargado as suas páginas sobre o Moçambique «civil», pois é bastante raro que a medicina portuguesa em África seja apresentada sob um prisma favorável. Mais vale tarde do que nunca. Não diremos nunca suficientemente bem de alguns médicos coloniais que eram dedicados aos seus pacientes. Não todos, claro, pois a maioria preferia a clientela rica das cidades — basta olhar para as estatísticas — à fadiga e à malária do mato. É o instinto humano.

Do hospital à missão deveria existir — pelo menos idealmente — uma ligação: a caridade. Podemos interrogar-nos se, na realidade, esta palavra ainda significa alguma coisa em muitos hospitais, e mesmo em muitas missões, e não unicamente nas africanas. Como quer que seja, o volumoso livro do padre Luciano da Costa Ferreira²⁹ constitui uma das pedras angulares da história das missões católicas em Moçambique, pois ele conta, em mais de 500 páginas, as actividades locais dos missionários portugueses de S. Vicente de Paulo de 1940 até aos nossos dias. Começaram no Sul, irradiando depois em direcção à África do Sul, Zambézia, Tete e, sem seguida, para o Norte de Moçambique. Trata-se de uma verdadeira enciclopédia *vicentina* que não escamoteia as dificuldades nascidas da chamada revolução marxista, que esteve prestes a sacrificar as poucas infra-estruturas escolares e sanitárias que subsistiam no mato depois de 1975 para responder a ideologias que os utópicos, falhos de todo o conhecimento concreto sobre as necessidades dos camponeses africanos, tentaram importar. Moçambique quase morreu com as prescrições destes *doutores* de pele clara, mas de cérebro estreito. O livro destinava-se a um público religioso restrito, mas poderá ter interesse para os historiadores locais (sobretudo do Sul de Moçambique), que, infelizmente, se interessam geralmente por temas mais na moda.

E a moda, os antropólogos e sociólogos conhecem-na e seguem-na muito melhor do que os outros especialistas. Um bom exemplo disso é um livro

²⁸ Constantino Sakellarides, *De Alma a Harry. Crónica da democratização da saúde*, Edições Almedina, Coimbra, 2005, 234 páginas, com fotografias a preto e branco.

²⁹ Luciano da Costa Ferreira, *Carisma Vicentino em Moçambique. Memória e Testemunho*, Pes. Vicentinos, Felgueiras, 2003, 560 páginas, com fotografias a cores e a preto e branco.

sério, mas que se lê como uma reportagem, sobre os costumes da pequena burguesia africana perante a necessidade de adaptar os hábitos às exigências económicas e comportamentais impostas pela cidade. *Lobolo em Maputo*³⁰ é o estudo de um observador-participante que nos explica um caso concreto: qual é o significado do ritual do dote numa família moderna, mas que tem as suas raízes no passado?

E, já que estamos no Sul de Moçambique, continuemos por aí com *Voyage au Mozambique. Maputo*³¹. Trata-se, essencialmente, de um álbum fotográfico, com suficientes textos bem escritos, para que o leitor possa perceber o que faz o charme de uma cidade turística. Neste caso não há cadáveres de bebés sobre montes de lixo, nem jovens mendigos agressivos, nem sida, nem funcionários corruptos. Mas festas populares, cabeleireiros pitorescos, um velho pensador barbudo da FRELIMO, salões de dança, uma arquitectura colonial colorida, um ambiente festivo próprio para cativar os sul-africanos que se quiserem perder entre os latinos. Por isso, os serviços oficiais franceses não hesitaram em apoiar esta magnífica realização, que, nos limites dos seus objectivos (favorecer as relações públicas), é um êxito completo.

Outro sucesso, mas numa outra perspectiva, é a obra *Southeast Africa*³², espécie de introdução à história e à actualidade da região, destinada, em princípio, aos adolescentes, mas que por ser ilustrada com fotografias antigas, fornecidas pela Royal Geographical Society de Londres, acaba por ter um interesse indiscutível para os historiadores. Note-se ainda que os textos são politicamente equilibrados e completados por citações por vezes inesperadas. Por outro lado, uma sociedade de geografia que não está moribunda, ou não é nacionalista, como tantas outras noutros lugares, e que apoia financeiramente uma centena de expedições todos os anos, merece, com toda a certeza, que Robinson encare seriamente a hipótese de vir a juntar-se aos seus 12 000 a 13 000 *fellows*. Regressemos a terra e às duras realidades da vida económica com «*Every Continent needs an America*»³³, que é o resultado de um inquérito realizado a uma vintena de empresas sul-

³⁰ Paulo Granjo, *Lobolo em Maputo. Um velho idioma para novas vivências conjugais*, Campo das Letras, Porto, 2005, 95 páginas, com fotografias a preto e branco.

³¹ Pascal Letellier e Jordane Bertrand, *Voyage au Mozambique, Maputo*, Editions du Garde-Temps, Paris, 2005, 95 páginas, com numerosas fotografias a cores e a preto e branco de Luís Basto.

³² Daniel E. Harmon, *Southeast Africa. 1880 to the Present: Reclaiming a Region of Natural Wealth*, Chelsea House Publishers, Filadélfia, 2002, 120 páginas, com fotografias a preto e branco.

³³ Neuma Grobbelaar, «*Every Continent needs an America*». *The Experience of South African Firms Doing Business in Mozambique*, The South African Institute of International Affairs, Joanesburgo, 2004, 94 páginas.

-africanas que operam em Moçambique. Com 262 destas firmas registadas em Moçambique de 1985 a 2001 com um investimento global superior a 1300 milhões de dólares, Pretória é, de longe, o principal parceiro económico de Moçambique. A autora expõe claramente o que motiva e o que exaspera os homens de negócios do seu país que trabalham a leste da fronteira. A corrupção e as complicações administrativas (153 dias para registar uma empresa, contra 35 dias na Tanzânia!) são, segundo ela, herança do passado marxista e, acrescentamos nós, colonial. De qualquer maneira, trata-se de um estudo que deveria avaliar também a concorrência, a começar por Portugal e pelos países escandinavos (bem discretos nas suas trocas com este grande beneficiário da sua generosidade).

No domínio da antropologia social assinalemos o trabalho teórico-prático de uma especialista italiana, Anna Casella Paltrinieri³⁴, que estuda os mercados rurais e urbanos e, deste ponto de partida, aborda questões como as da etnicidade, os *regulados*, a família, a terra, as linhagens, a mulher, o dote, os modos de produção, a história, a política, etc., ao longo da margem sul do Zambeze até Cabo Delgado e Nampula. Um trabalho profundo, estabelecido à força de entrevistas e também de citações dos profetas e mestres da etnologia moderna. A obra possui uma bibliografia imponente, na qual é de referir quanto, nesta área científica, os editores italianos traduzem os autores estrangeiros, para os quais deve existir um público. Na fronteira entre a sociologia, a demografia e a história, *Categories and Contexts*³⁵ contém um capítulo de doutrina crítica sobre as migrações moçambicanas durante e depois da guerra civil. O autor sustenta que os movimentos em direcção ao exterior do país não são sempre motivados pela violência e que uma boa parte deles corresponde a partidas voluntárias em direcção à África do Sul. O estudo, elaborado ao longo de dois anos de pesquisas no distrito de Machaze, entre os ndau (shona) da fronteira, junto ao Zimbábwe, explica por que é que os refugiados na África do Sul não quiseram regressar massivamente a Moçambique.

Na categoria do *travel writing*, gostámos muito do livro *Tales from the Torrid Zone*³⁶. E porquê? Porque se trata de uma obra esplendidamente escrita, divertida, totalmente inesperada, pois não é todos os dias que um jornalista britânico, nascido numa família de missionários nas Novas Hébridas, consagra tanto espaço a Évora e a Pedro Fernandes de Queirós (o

³⁴ Anna Casella Paltrinieri, *Mercati del Mozambico. Persone, beni e cultura nei mercati rurali di Sofala e Cabo Delgado*, Vita e Pensiero, Milão, 2005, viii-159 páginas.

³⁵ Simon Szreter, Hania Sholkamy e A. Dharmalingam (eds.), *Categories and Contexts: Anthropological and Historical Studies in Critical Demography*, Oxford University Press, Oxford, 2004, xvi-407 páginas.

³⁶ Alexander Frater, *Tales from the Torrid Zone. Travels in the Deep Tropics*, Picador, Londres, 2005, xvii-380 páginas.

navegador português paranóico do Pacífico) e um outro capítulo à ilha de Moçambique, tudo isto num mesmo volume. Admitamos que as centenas de páginas sobre o antigo condomínio franco-britânico entre os canibais da Melanésia se saboreiam com tanta surpresa como as páginas (pp. 87-99) sobre a decrepitude da antiga capital de Mouzinho de Albuquerque, vista de um hidroavião *Catalina* e, a pé, por volta de 1987, quando a RENAMO ocupava o território continental. Fala-se de um submarino sul-africano que abastecia os rebeldes, de soldados de 12 anos no exército da FRELIMO que ocupava a ilha, de refugiados que viviam no antigo consulado francês onde uma figueira gigante dominava a entrada das ruínas. Tudo isto resulta da melhor maneira para os amantes do insólito e, como o autor, Alexander Frater, nos fala desse juiz catalão que presidia ao Tribunal binacional de Port-Vila e que publicou um livro em castelhano sobre as Novas Hébridas, temos um pretexto ideal para nos desviarmos em direcção aos hispanófonos de África: uma simples digressão de norte a sul.

O mais importante — e de longe — dos textos recentes neste sector geopolítico é a tese de Yves Zurlo que, abordando o «doloroso» e imprevisível binómio *Ceuta et Melilla*³⁷, afasta toda a propaganda deste contencioso que dura há mais de seis séculos entre ibéricos e magrebinos sobre o território destes últimos. O autor não se demora a evocar longamente o passado. O que lhe interessa é o presente e o futuro dos dois enclaves e das ilhotas que lhes estão associadas. Tal como nós havíamos, deliberadamente, afastado dos nossos trabalhos (René Pélissier, *Spanish Africa — Afrique espagnole*, Editions Pélissier, Orgeval, 2005, 224 páginas) estas «Gibraltar ao contrário», pois não se tratava de colónias ou de protectorados espanhóis em África, com este volume ficamos a saber tudo o que gostaríamos de saber sobre estas antenas tardias da *Reconquista*: demografia detalhada; estatutos sucessivos; economia; papel na política externa de Madrid e opinião civil e militar (persistência de um franquismo velado) da Península; mudança para «a convivência e a interculturalidade», etc. Para um literato (professor de espanhol), o autor transforma positivamente a imagem, antes desencarnada, que os alunos e os estudantes tinham do ensino do espanhol em França nos anos 50-60 (e, provavelmente, depois dessa data). Emigração clandestina, contrabando, «guerra» de opereta (2002) a propósito do ilhéu de Perejil — que apenas um africanista em 10 000 teria podido situar com certeza no mapa —, o essencial do que importa saber sobre estas duas cidades pode ser encontrado aqui. Resta saber se terão a mesma sorte de Ifni ou de Mazagão.

³⁷ Yves Zurlo, *Ceuta et Melilla. Histoire, représentations et devenir de deux enclaves espagnoles*, L'Harmattan, Paris, 2005, 320 páginas, com fotografias a preto e branco.

*Sáhara «corazón roto»*³⁸ pertence a um género militante que é muito conhecido em Espanha. Ajudar as populações sarianas, quer no exílio, quer acolhendo as suas crianças em Espanha, quer militando pela sua causa no plano político. Neste caso, trata-se do registo comovente e pessoal de uma mãe de família de Ronda que acolheu na sua casa uma jovem doente mas que os pais, no campo de Tindouf, não deixavam ir estudar para Espanha. Daí o desespero da autora após três visitas ao local.

Na *Bibliographie générale de la Mauritanie*³⁹, que comporta 3553 referências, das quais 1307 são notícias de livros, sendo as restantes compostas por artigos e documentos inéditos, encontraremos muitos textos respeitantes directa ou indirectamente ao Sara Ocidental. Nomeadamente em centenas de peças de arquivo. As anotações são mínimas, mas três índices detalhados permitem circular facilmente por toda a obra. Alguns patrónimos ou nomes comuns estão mal ortografados, quer em língua espanhola, quer em inglês, etc., e as fontes portuguesas estão pouco representadas, mas a organização do volume é exemplar. Trata-se de uma bibliografia indispensável, apadrinhada pelos serviços oficiais franceses.

Descendo em direcção ao equador, mencionemos dois pequenos livros prometedores. *Canarias-Guinea Ecuatorial*⁴⁰ trata de um assunto pouco evidente: a influência do arquipélago das Canárias no tráfico de escravos e na luta antiesclavagista e, principalmente, na colonização penitenciária de Fernando Pó, a emigração para a Guiné, etc. O livro é pequeno, mas tem notas copiosas. A seguir, pois disseram-nos que o estudo será desenvolvido até à descolonização. Ainda menos estudada ao pormenor, a evolução inicial do ensino espanhol na Guiné é o objecto da edição de duas peças de arquivo bem apresentadas por Mariano L. de Castro Antolín⁴¹. Pouco a pouco, vamos progredindo no conhecimento desta colónia ambígua onde os crioulos anglófonos resistiam nesta altura à hispanização, ainda frágil. Este mesmo editor publica igualmente títulos importantes sobre a etnologia e a literatura oral da Guiné Equatorial. Uma biblioteca africanista ambiciosa deveria conter a sua produção completa, cuja riqueza continua a espantar-nos.

Fechemos o parêntesis hispanófono e regressemos aos lusófonos de África, mas olhados nas suas margens mais obscuras e unicamente por histo-

³⁸ Lola Reche, *Sáhara «corazón roto»*, Editorial La Serranía, Ronda (Espanha), 2004, 141 páginas, com fotografias a preto e branco.

³⁹ Mohamed Saïd Ould Hamody, *Bibliographie générale de la Mauritanie*, Editions Sépia, Saint-Maur-des-Fossés (França), 1995, 580 páginas.

⁴⁰ Jorge A. Liria Rodríguez, *Canarias-Guinea Ecuatorial (1445-1931). La realidad de unas históricas relaciones*, Anroart Ediciones, Las Palmas de Gran Canaria, 2003, 100 páginas, com fotografias a preto e branco.

⁴¹ Mariano L. de Castro Antolín, *La enseñanza pública en Santa Isabel: 1896, 1902*, Ceiba Ediciones, Vic (Barcelona), 2005, 91 páginas.

riadores que trabalham em territórios periféricos em relação ao centro de Moçambique — se é que é possível encontrar um centro geográfico para este país — e de Angola. Sem ofensa para os antigos soldados que vão visitar as casernas em ruínas na margem, outrora portuguesa, do lago Niassa, esta região é historiograficamente quase virgem, e é pena deixar este campo apenas aos anglófonos. Com um título misterioso, *The Steamer Parish*⁴² diz respeito a 98% da história e das actividades da Universities' Mission to Central Africa (UMCA), isto é, uma das sociedades de missionários britânicos que seguiram o apelo de Livingstone e, de facto, criaram uma Niassalândia (Malawi actual), que teria podido ser bem portuguesa se Lisboa tivesse tido os homens e os recursos necessários (v. o *ultimatum*, etc.). Estes anglicanos sonharam, inicialmente, em fazerem do lago Niassa um lago cristão (e não escravagista ou muçulmano) e britânico, que teria sido a fronteira ocidental e aquática de uma enorme diocese que se estenderia até ao oceano Índico. Sabemos que a partilha colonial que dividiu as águas e as margens do lago em três secções (alemã, portuguesa e britânica) fez abortar este projecto, tendo eles ficado com a evangelização da população da margem direita, a partir de uma ilha (Likoma) e de vários vapores que visitavam uma cadeia de missões. O subtítulo do livro indica bem os seus limites. Mas mesmo em apenas 2% das 500 páginas esperávamos mais do que a história de uma experiência incontestavelmente original: levar o Evangelho e a saúde a partir de um ou dois barcos. O autor menciona apenas as missões implantadas pela UMCA no interior do território «português». O seu tema é a medicina anglicana dispensada nas margens do lago. Para esta zona, o livro é soberano e indispensável, mas, como não considerou necessário consultar uma única fonte portuguesa, nem mesmo falar de qualquer outra coisa que não fosse do Malawi e dos seus missionários e médicos, nada mais resta aos portugueses do que dizerem, pormenorizadamente, o que se passou concretamente à volta destes quistos anglicanos até 1975.

Outro buraco negro nas fronteiras da lusofonia? O Sudeste angolano entre Cuangar e o Baixo Cuando era quase um «branco» historiográfico, para além dos relatos da ocupação de João de Almeida (1909) e, posteriormente, de algumas alusões nos livros de caçadores ou administradores, como Henrique Galvão, nomeadamente. Já não é este o caso graças a três estudos namibianos redigidos por alemães que nos fazem uma dádiva real. Em primeiro lugar, a etnóloga e historiadora Maria Fisch, que nos desenha uma etno-história⁴³ de um pequeno — mas importante, pois os seus chefes

⁴² Charles M. Good Jr., *The Steamer Parish: The Rise and Fall of Missionary Medicine on an African Frontier*, The University of Chicago Press, Chicago, 2004, xx-487 páginas, com fotografias a preto e branco.

⁴³ Maria Fisch, *The Mbukushu in Angola (1720-2002). A History of Migration, Flight and Royal Rainmaking*, Rüdiger Köppe Verlag, Colónia, 2005, 99 páginas, com fotografias a preto e branco.

passavam ou ainda passam por serem os melhores *fazedores de chuva* — subgrupo de populações instaladas de um lado e do outro do Cubango. Origens controversas, dinastias contestadas, o que é certo é que os mbukushu não pararam de se deslocarem para o Sul, a partir do Cuando e do seu afluente, o Luiana, nomes que trazem à lembrança recordações a alguns milhares de soldados portugueses dos anos de 1966 a 1974. O texto é importante, mas é difícil de seguir, pois o mapa é insuficientemente pormenorizado. O que é igualmente claro é que este subgrupo não gostava da administração militar e, depois, civil portuguesa e preferia a semiliberdade que lhe davam os alemães — quase ausentes, salvo alguns padres —, a sul, e, mais tarde, os sul-africanos, a leste de Rundu. Sobrevoamos, neste livro, a devastação provocada pela guerra colonial e ainda mais pela guerra civil entre os mbukushu (pelo menos 8000 refugiados no Caprivi ocidental) e, sobretudo, entre os bushmen de Angola, dos quais certos especialistas estimam que 50% tenham sido massacrados pelo MPLA (p. 81) em represálias. Chamemos a atenção da autora para o facto de Savimbi não ter um doutoramento em Medicina, feito na Suíça (p. 71) e que não devemos confundir a URSS e a China na sua formação militar.

Da mesma autora, refiramos um estudo⁴⁴ francamente namibiano mas que, apesar de se tratar de uma história puramente regional — e, por vezes, anedótica —, aborda questões angolanas só muito raramente ou nunca conhecidas dos angolanistas, como a actividade de espionagem dos britânicos da Rodésia do Norte no Sudeste angolano em 1914-1915; a fuga de rebeldes africânderes em Angola; o asilo dado a grupos de Cuanhama (fugindo do rei Mandume em 1915-1917) pelos Cuangari que acolheram também o maior inimigo dos portugueses no Cuamato (desde 1907), o rei Sihetekela; as tensões luso-sul-africanas num lado e no outro do Cubango (1917-1918), etc. É nestas peripécias esquecidas que podemos medir a necessidade de conhecermos o que escrevem sobre nós os nossos vizinhos.

Finalmente, se o leitor sobreviveu até agora, recomendamos-lhe a tese pioneira de Andreas E. Eckl⁴⁵ que não apenas esclarece a história da implantação alemã na margem sul do Kavango (Cubango), mas, a partir de fontes alemãs e britânicas, reconstitui a ocupação do baixo Cubango pelos portugueses e as suas relações tensas (pp. 70-110) com os africanos, que não os suportavam e se «passaram» para o lado dos alemães; o espanto destes face a esta ocupação militar «massiva» da sua fronteira nordeste em 1909, que

⁴⁴ Maria Fisch, *Die südafrikanische Militärverwaltung (1915-1920) und die frühe Mandatszeit (1920-1936) in der Kavango-Region/Namibia*, Rüdiger Köppe Verlag, Colónia, 2004, 247 páginas, com fotografias a preto e branco.

⁴⁵ Andreas E. Eckl, *Herrschaft, Macht und Einfluss. Koloniale Interaktionen am Kavango (Nord-Namibia) von 1891 bis 1921*, Rüdiger Köppe Verlag, Colónia, 2004, 436 páginas, com fotografias a preto e branco.

os obriga a instalarem-se por sua vez, mas sem violência; a melhoria das relações luso-alemãs antes da destruição (1914) dos fortes portugueses como represália do incidente de Naulila (pp. 252-262); as relações entre os sul-africanos e as guarnições dos fortes portugueses (reconstituídos a partir de 1916), cujos oficiais reclamam (pp. 273-321) a extradição dos chefes locais que ajudaram os alemães; a repressão (1917-1919) portuguesa, através de impostos e do trabalho forçado, contra as populações fronteiriças, que acentuam a sua partida em direcção à margem sul. Graças a Eckl, a história colonial do Cuando-Cubango deu um enorme passo em frente. O autor não trata de tudo no seu livro (Fisch desenvolve questões que ele deixa de lado e que dizem respeito a Angola), mas os dois oferecem uma importante centena de páginas sobre esta fronteira negligenciada pela historiografia em língua portuguesa. Curiosamente, ainda que Eckl tenha utilizado a obra de João de Almeida, *Sul de Angola*, Lisboa, 1912, nem ele nem Fisch exploraram o livro de Arnold Wienholt, *The Story of a Lion Hunt*, Londres, 1922. Será que esta obra é desconhecida tanto na Alemanha como em Windhoek? É possível, e este facto devia sossegar os bibliotecários portugueses. Em todo o caso, estes seriam muito prudentes se estas três obras, em alemão, integrassem as suas colecções. Da mesma forma, Robinson deveria escorar a sua cabana se quer resistir aos próximos tsunamis. Vamos dizer-lho.

Redigido em Julho de 2005.

Tradução de Carla Araújo